



EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA UMA PRÁTICA PARA TODOS/AS, UM COMPROMISSO AINDA DE POUCOS/AS:

ANTI-RACIST EDUCATION A PRACTICE FOR ALL, A COMMITMENT STILL DISPLAYED BY FEW

EDUCACIÓN ANTIRRACISTA UNA PRÁCTICA PARA TODOS, UN COMPROMISO AÚN PARA UNOS POCOS:

Lucimar Rosa Dias

Doutora em Educação/PPGE/Universidade Federal do Paraná – lucimardias@ufpr.br

Valeria Pereira da Silva

Mestranda em Educação/PPGE/UFPR/Universidade Federal do Paraná/ SME-Curitiba -
valeriasilvapedagoga@gmail.com

Sandra Aparecida da Silva

Especialista em Educação para as relações étnico-raciais/SEED-PR - sandsil2@hotmail.com

Ranna Emanuelle de Almeida

Acadêmica em Pedagogia/Universidade Federal do Paraná- ranna.emanuelle@gmail.com

Recebido em:26/08/2021

Aceito para publicação:26/09/2021

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir aprendizagens ocorridas na oficina: “Reflexões e Práticas para a Construção de uma Educação Antirracista” realizada por membras do Grupo ErêYá. Ela tratou do conceito de educação antirracista provocando reflexões sobre as várias instâncias da vida, sejam elas judiciárias, escolares, familiares ou religiosas. Para isso recorremos a produção teórica de Carneiro (2005), Gomes (2005), Munanga (2004) Pereira e Dias (2019). Participaram cerca de 200 pessoas, entre profissionais da educação e comunidade em geral, e foi realizada pela plataforma digital Zoom com interação pelo chat. Foram discutidos conceitos relativos a ERER e desenvolvidas práticas. Muitos/as participantes compartilharam dores causadas pelo racismo e estratégias de resistência e existência. E ao concluírem a oficina demonstraram registrando em palavras-chave suas emoções como: Gratidão, reflexão, sabedoria, representatividade, aprendizado, esperar, conhecimento, novas percepções. Uma parte das pessoas sinalizaram que a oficina ampliou seus conhecimentos e outras que era a primeira vez que participavam de um estudo com essa envergadura. Concluímos que esta atividade possibilitou a ruptura da narrativa de subalternidade e escravização quando se trata da população negra, trazendo histórias de resistência e potência de povos negros e indígenas.

Palavras-chave: Educação Antirracista, Grupo ErêYá, Oficina Pedagógica.

Abstract

This article aims to discuss the learning that took place in the workshop: “Reflections and Practices for the Construction of an Anti-Racist Education” carried out by members of the ErêYá Group. She dealt with the concept of anti-racist education, provoking reflections on the various spheres of life, whether judicial, school, family or religious. For this we used the theoretical production of Carneiro (2005), Gomes (2005), Munanga (2004) Pereira and Dias (2019). About 200 people participated, including education professionals and the community in general, and it was carried out by the Zoom digital platform with interaction through chat. Concepts related to ERER were discussed and practices developed. Many participants shared pain caused by racism and strategies of resistance

and existence. And at the end of the workshop, they demonstrated by recording their emotions in keywords such as: Gratitude, reflection, wisdom, representation, learning, hope, knowledge, new perceptions. Some of the people indicated that the workshop expanded their knowledge and others that it was the first time they had participated in a study of this magnitude. We conclude that this activity made it possible to break the narrative of subalternity and enslavement when it comes to the black population, bringing stories of resistance and power from black and indigenous peoples.

Keywords: Anti-racist Education, ErêYá Group, Pedagogical Workshop.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir el aprendizaje que tuvo lugar en el taller: “Reflexiones y prácticas para la construcción de una educación antirracista” realizado por miembros del Grupo ErêYá. Abordó el concepto de educación antirracista, provocando reflexiones sobre las distintas esferas de la vida, ya sea judicial, escolar, familiar o religiosa. Para ello se utilizó la producción teórica de Carneiro (2005), Gomes (2005), Munanga (2004) Pereira y Dias (2019). Participaron unas 200 personas, entre profesionales de la educación y la comunidad en general, y se llevó a cabo a través de la plataforma digital Zoom con interacción por chat. Se discutieron conceptos relacionados con EREER y se desarrollaron prácticas. Muchos participantes compartieron el dolor causado por el racismo y las estrategias de resistencia y existencia. Y al finalizar el taller, lo demostraron registrando sus emociones en palabras clave como: Gratitude, reflexión, sabiduría, representación, aprendizaje, esperanza, conocimiento, nuevas percepciones. Algunas personas indicaron que el taller amplió sus conocimientos y otras que era la primera vez que participaban en un estudio de esta magnitud. Concluimos que esta actividad permitió romper la narrativa de subalternidad y esclavitud de la población negra, trayendo historias de resistencia y poder de los pueblos negros e indígenas.

Palabras clave: Educación Antirracista, Grupo ErêYá, Taller Pedagógico.

Introdução

Este artigo tem por objetivo discutir a importância da disseminação de uma antirracista para a construção de ambientes livre do racismo. Superar o racismo, implica em posicionamento político, seja no currículo escolar mudando a forma como se aborda a população negra quando esta ocorre, nas propagandas disseminadas em meios midiáticos e como aparecem negros e negras ou nos modos como pessoas negras e indígenas são tratadas socialmente. Por isso, é fundamental problematizar o racismo e assim nossas referências referenciais teóricos para dialogar sobre o tema serão Carneiro (2005), Gomes (2005), Munanga (2004) Pereira e Dias (2019), que nos possibilita compreender o racismo como construção social.

Assim o tema requer uma (re)educação das relações étnico-raciais, isto é, rever a forma como as imagens e as história das populações negras e indígenas tem sido apresentada à sociedade brasileira e é neste processo que o grupo de estudos e pesquisas em educação para as relações étnico-raciais ErêYá da Universidade Federal do Paraná tem atuado. O nome do grupo ErêYá tem origem na língua yorubá. O ErêYá tem entre seus e suas componentes pessoas ligadas ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB) e ao Observatório de

Culturas e Processos Políticos-Pedagógicos (OCUPP) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A primeira parte deriva da palavra “Ere” a brincadeira e no Brasil a remete à criança, à infância, e “Yá” é a forma diminuída de yalorixá, palavra que remete mãe a maternidade. As atividades vinculadas ao ErêYá, estão relacionadas a estudos, pesquisas e práticas (extensão) interseccionais e focam, principalmente em experiências educacionais que ocorrem em espaços escolares, notadamente a educação infantil, porém há algumas incursões fora do ambiente educacional. Busca-se compreender as tensões produzidas entre a estrutura racial e o sistema de branquitude que organizam a sociedade brasileira e as resistências empreendidas pelos sujeitos (as), especialmente crianças para a constituição identitária e formas de resistências.

O grupo já realizou II seminários. O primeiro em 2019 com o título de I Seminário do ErêYá – Desafios e perspectivas para uma Educação Antirracista e o Segundo, chamado: II Seminário do ErêYá - Entre Erês e Yás - cultura, arte e invenção para a educação das relações étnico-raciais.

Uma das vertentes de ação tem sido a realização de oficinas pedagógicas antirracistas que tem o intuito de produzir outras representações da população negra, nas quais a beleza, a inteligência, enfim a humanidade é ressaltada já que pesquisas no campo da educação (DIAS, 1997, PEREIRA, 2019, ASSIS, 2019, CARDOSO, 2018), dentre outras áreas tem apontado que a desumanização de negros e negras tem passado por desvalorizar a corporeidade negra e suas culturas.

O projeto de extensão das oficinas pedagógicas antirracistas está na sua quarta etapa e o foco é a formação continuada de professores/ras direcionadas para a educação infantil e anos iniciais do Ensino fundamental destacando as práticas com a história e cultura afro-brasileira e Africana no campos da literatura de temática africana e afro-brasileira e indígenas, leituras de imagens e brincadeiras africanas para nos contrapormos as narrativas que desumanizam estes sociais participamos de diferentes eventos científicos sobre o tema.

Esta caminhada tem nos levado a convites para participar de diferentes ações, pois é nosso objetivo que o tema da igualdade racial esteja em todos os âmbitos. Assim já estivemos em: semana de cursos de licenciatura, Programa de Educação Tutorial, Projetos de Extensão de outros colegas, dentre outras atividades. Sendo a experiência que trazemos para esta reflexão diz respeito a uma das nossas participações no DIGA - (Dialogue, Ignore, Ganhe distância e

Ache ajuda). Trata-se de um programa que reúne escolas, famílias e crianças e tem por objetivo ensinar formas de melhorar a convivência. O faz nome faz referência a estratégias para a resolução de conflitos, busca oferecer uma ferramenta para as crianças cuidarem das emoções e relações. O professor Josafa Moreira coordena este projeto e temos realizados importantes parcerias.

Dialogando sobre ERER: uma proposta antirracista em oficina online

Corpo do texto, recuo de parágrafo de 1,25cm. As atividades desenvolvidas pelas pessoas do grupo estão relacionadas a pesquisa, estudos e práticas em diálogo com os temas da infância e mulheres negras que se orientam por uma perspectiva de educação antirracista. Temos considerado como educação antirracista as ações que têm por objetivo atuar enfaticamente na reorganização das relações sociais rompendo como o racismo que opera na sociedade brasileira. Segundo Gomes (2005, p.52):

[...] é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de idéias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores.

Sabemos que no sentido biológico só existe a raça humana, porém para combater o racismo continua sendo necessário usar o conceito de raça ressignificada, como forma de politizar a identidade negra desvalorizada porque as manifestações do racismo focam as características físicas como: cor da pele, cabelos etc., para determinar hierarquias sociais nas quais os brancos estão no topo. Então, o que temos de fato são as chamadas “raças sociais” (MUNANGA, [2004?]), ou seja, elas não são biológicas e sim determinadas socialmente e se revelam na política, na cultura e nas diferenças entre os seres humanos que são utilizadas para produzir a exclusão social, no caso do Brasil, da população negra e indígena.

Posto isso, é importante também compreender a distinção entre preconceito e discriminação racial. O preconceito racial, é a atribuição de valor moral para comportamentos específicos de uma pessoa a partir do seu pertencimento racial. Um

exemplo de como os dois fenômenos estão correlacionados, mas não são a mesma coisa é o caso ocorrido no Paraná em que a juíza Inês Marchalek Zarpelon da 1ª vara Criminal de Curitiba/PR, ao condenar um homem negro por integrar uma organização criminosa, escreve na sentença que "seguramente integrante do grupo criminoso, em razão da sua raça, agia de forma extremamente discreta " (grifo nosso).

O que levou a juíza a escrever em sentença tal descabro foi seu preconceito racial. Ao analisar material com a presença de uma pessoa negra e deduzir sua culpa atribuindo a todas as pessoas de raça negra o vínculo ao crime, isto significa prejudicar todas as pessoas negras como criminosas, a isso chamamos preconceito racial. Tal pensamento a leva a praticar uma ação, ou seja, condenar o homem. Esta ação, este agir se configura como "discriminação racial" que segundo Gomes (2005, p.55) “[...] pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito”, o que é crime no Brasil.

Diante destes fatos elencados é importante definirmos o que consideramos como Educação antirracista. Para nós, ser antirracista é uma posição política assumida perante a vida e se configura em práticas que ocorrem em espaços escolares ou fora deles. Para a realização de uma educação antirracista é necessário explicitar veemente contrariedade com o discurso racista presente: no currículo escolar, nas propagandas disseminadas em meios midiáticos, nos modos como pessoas negras e indígenas são tratadas socialmente e produzir outro currículo, outras representações destes grupos que reconheçam nele beleza, inteligência, enfim a humanidade na sua plenitude tanto quanto.

É parte de uma educação antirracista comprometer-se com a igualdade social e racial na sociedade brasileira, ou seja, ser antirracista significa lutar por igualdade entre as pessoas, mas não apenas no plano simbólico (imagens, representações etc.). “Se a escola pode produzir e reproduzir preconceitos ela também pode ser um espaço de construção de identidades, de formação da cidadania e de transformação social” (DIAS e BATISTA, 2019, p.32). É necessário ser contra a hierarquia de classe, de gênero, pois a amálgama da luta antirracista é ser contra a desigualdade. Segundo Dias e Batista (2019, p.38) o At. 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação alterado pelas Lei 10639/03 e 11.645/08 em sua “determinação não veio para mudar o enfoque de um currículo etnocêntrico para um africano, mas para garantir a aprendizagem de ambos, sem hierarquização”.

Em acordo, significa dizer que ser antirracista deve perpassar outras lutas que produzem opressão e hierarquização entre as pessoas. É respeitar a diferença, a singularidade dos seres humanos e celebrar a diversidade em perspectiva crítica e não como Santomé chamou de “currículo de turistas”, ou seja, “Currículos nos quais a informação sobre comunidades silenciadas, marginalizadas, oprimidas e sem poder é apresentada de maneira deformada, com grande superficialidade, centrada em episódios descontextualizados” (SANTOMÉ, 1998, p.147). Não há educação antirracista sem considerar que ela produz tensionamentos porque visa alterar as relações de hierarquia e desigualdades.

É um desafio significativo, por isso, é importante demarcar que também inclui neste aprender a dimensão do errar e para nós o maior equívoco do trabalho com EREER é realizar um trabalho sem destacar as resistências destes grupos, reconhecendo a agência deles contra a opressão. Portanto, consideramos que muitos professores/ras, se colocam a tarefa de ser antirracista, mas não imaginam que para que de fato o antirracismo se realize é necessário estudo. Para colaborar nesta caminhada, o ErêYá tem se empenhado em organizar práticas antirracistas, especialmente, no ambiente educacional. E para nossa alegria as atividades têm sido muito bem recebidas fora do espaço escolar. O projeto de extensão que desenvolvemos intitulado: “ErêYá na Educação das Relações Étnico-raciais investigação e práticas” se realiza por meio de oficinas pedagógicas como estratégia de formação tanto de professores/as quanto da comunidade em geral nas quais são discutidos conceitos importantes para compreendermos o racismo no Brasil e, sobretudo, a valorização da cultura afro-brasileira e africana. Temos defendido que trabalhar com EREER no currículo não se restringe a discutir o racismo, aliás acreditamos que nem começa no racismo e nem termina nele, embora compreendê-lo seja pressuposto para uma educação antirracista a organização do trabalho pedagógico se realiza considerando a história e cultura afro-brasileira e indígena. Há muito o que vivenciar, conhecer e investigar neste campo em todas as etapas da educação básica e do ensino superior.

O nosso trabalho, como já indicamos inicialmente está elaborado em torno de cinco oficinas de modo mais permanente: “Brincadeiras Africanas”, “Literatura infantil de temática africana e afro-brasileira”, “Arte africana e afro-brasileira e Leitura de Imagens”, “A linguagem cinematográfica e educação para as relações étnico-raciais”, “Confecção de Bonecas negras, estética e afeto”. Algumas ofertas são mais frequentes a exemplo da oficina

“Brincadeiras Africanas”, que apresenta conceitos e brincadeiras africanas como práticas antirracistas em escolas. Esta oficina é comumente requisitada por cursos de graduação em pedagogia e licenciaturas. Em nossas oficinas é muito importante a circularidade do conhecimento círculo e que as (os) participantes sintam-se acolhidas(os) em um ambiente aconchegante no qual o diálogo e a cooperação possam ser incentivados para que a atividade flua de forma agradável.

A oficina “Literatura infantil de temática africana e afro-brasileira” tem como objetivos despertar o prazer de ler, imaginar e recriar histórias e a construção de uma imagem positivada de negro/as e indígenas, pois “Ao esconder a presença da criança negra, a literatura infantil impede a construção de imagens e representações positivas da negritude, e, por outro lado, encaminha as leitoras da mesma etnia para a identificação com o grupo branco, sempre representado de forma positiva.” (ARENA e LOPES, 2013, p.1147). Por isso, o contato com histórias e narrativas de temáticas indígenas, africanas e afro-brasileiras, nas quais os personagens negros/as e indígenas aparecem como protagonistas destacando a cultura e cotidiano desses grupos.

Uma oficina que chama muito a atenção das (os) participantes é a “Confeção de Bonecas negras, estética e afeto”. Essa oficina oferece uma prática riquíssima, proporcionando um momento de criação e afetividade, pois quando a crianças e/ou professoras e professores confeccionam as bonecas e bonecos seus sentidos ficam aguçados sobre a oferta que existe em suas instituições da diversidade étnico-racial. Durante a oficina os participantes podem escolher moldes de bonecas e/ou bonecos que melhor lhes represente em relação a cor do tecido. Algumas (uns) participantes, demonstram habilidades e interesse em elaborar seus próprios moldes. Elas e eles, recebem também todos os materiais necessários, linhas, agulhas, feltros, tecidos, canetões e, são orientados na confecção das bonecas (os).

Ao final as (os) participantes levam suas bonecas/bonecos para casa ou presenteiam crianças e instituições de ensino de acordo com seu objetivo pessoal. Nessa oficina abordamos a questão da representatividade e autoestima das crianças negras. O objetivo dessa oficina é incluir bonecas de todas as cores de pele nas práticas pedagógicas das instituições de ensino, assim crianças negras poderão também escolher a boneca “como seu espelho” e fortalecer sua identidade, valorizando as suas características, usando a

imaginação em suas brincadeiras e projetar seus sonhos e desejos, como escolher suas profissões, por exemplo. A presença de bonecas de diferentes cores de pele, é importante também para as crianças brancas perceberem que existe o “outro”, isso faz com que aprendam a respeitar as diferenças existentes e contribui para que as “brincadeiras de criança” não estejam permeadas de injúrias raciais que se perpetuam para a fase adulta contribuindo para a manutenção de uma sociedade racista.

Trabalho como estes tem resultado em belíssimos depoimentos como o da professora Ildete Batista do Carmo do Distrito Federal que contou ter desenvolvido um projeto com crianças pequenas chamado “Com quem eu me pareço” e que “antes do projeto ser iniciado uma menina negra que não gostava de seu cabelo crespo se desenhava loira e de olhos azuis e que, após alguns meses, passou a se desenhar com o cabelo enrolado e a pele escura”. A professora conclui: “o trabalho de base com crianças negras faz a diferença”

A oficina de brincadeiras africanas, ao lado, da de literatura e de bonecas negras tem sido muito realizada e com sucesso. Nesta trazemos brincadeiras, geralmente, elas são acompanhadas de músicas e informações sobre o país de origem mostrando à/os participantes que o continente africano é um complexo de 54 países, com uma diversidade cultural gigantesca, seja nas línguas (as músicas trabalhadas são em línguas africanas), nos modos de vestir dentre outros costumes. Trazemos imagens de metrópoles para romper com o imaginário construído nas propagandas da imprensa escrita e visual que constantemente mostra apenas a fome e a miséria do continente. Quem faz esta oficina passa dias cantando, pois as brincadeiras são cativantes.

FIGURA 1. OFICINA BRINCADEIRA AFRICANAS



FONTE: acervo do ErêYá – Fotografia Giorgia Prates

Citamos alguns exemplos de como ocorrem as oficinas pedagógicas que divulgam e possibilita o acesso ao conhecimentos sobre EREER para a comunidade contribuindo na promoção de uma educação antirracista. As oficinas têm se mostrado uma estratégia pedagógica muito poderosa para a disseminação de informações e que por meio do diálogo produz rachaduras na naturalização de perspectivas racistas tão fortemente presentes nas nossas percepções sobre as questões raciais intermediadas por uma linguagem lúdica.

Alguns conceitos importantes para a prática de uma educação antirracista estão amparados no Estatuto de Igualdade Racial, (Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010), que esse em 2020 completou uma década. Essas conquistas legais decorrentes da luta do Movimento Negro estão vigentes no país e tem como objetivo corrigir injustiças históricas cometidas contra a população negra iniciada no processo de escravização que durou quase quatrocentos anos no Brasil, gerando desigualdades que ainda não teve fim. Por isso, o Estado brasileiro é demandado a reparar o povo negro por toda exploração e iniquidade impostas a este grupo. No Estatuto (Art. 1º parágrafo único, grifos nossos) encontram-se muitos dos conceitos que discutimos durante nossas oficinas, tais como:

I - discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;

II - desigualdade racial: toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica; III - desigualdade de gênero e raça: assimetria existente no âmbito da sociedade que acentua a distância social entre mulheres negras e os demais segmentos sociais;

IV - população negra: o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga;

V - políticas públicas: as ações, iniciativas e programas adotados pelo Estado no cumprimento de suas atribuições institucionais;

VI - ações afirmativas: os programas e medidas especiais adotados pelo Estado e pela iniciativa privada para a correção das desigualdades raciais e para a promoção da igualdade de oportunidades.

Após estas considerações sobre necessários conhecimentos para a realização de educação antirracista exemplificamos como podemos colaborar na luta contra o racismo desenvolvendo práticas antirracista. Um dos exemplos que trazemos para este artigo ocorreu em uma oficina realizada na 2ª edição do Seminário da Convivência em agosto de 2020. Uma das nossas recomendações para educar na perspectiva antirracista é a desconstrução do imaginário negativo que atinge a população negra, melhor dizendo é preciso apresentar aspectos positivos da cultura negra e da identidade negra para todos, especialmente para as crianças.

Muito conhecimento produzido no Continente Africano não é devidamente apresentado nas instituições educacionais e outros são ditos como europeus e de fato surgiram em África, ou sejam produz-se um epistemicídio que segundo Carneiro (2005, p.97) que parte do conceito Sousa Santos denomina este como “[...] um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais [...]” da população negra.

É porque luta contra este processo que a educação antirracista se encontra em consonância com as Lei de Diretrizes e Bases da Educação (alterada pelas Leis 10639/2003 e 11.645/2008) que regulamenta a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, assim como o Parecer 003/2004 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais. Segundo este documento

Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras (BRASIL, 2004, p.16).

Sendo assim, a discussão proposta nas oficinas se vincula a pedagogias de combate ao racismo e a discriminação, ou seja, a uma pedagogia antirracista. Com a expansão da internet, narrativas de denúncias vieram ao centro da roda de discussão assim, como se fortalece o discurso hegemônico como forma de desestruturar essas vozes insurgentes, na tentativa de esvaziar, distorcer, retirar a legitimidade dos sujeitos que denunciam a opressão do racismo.

Essas estratégias querem negar saberes, produção e potencial intelectual de pessoas negras e indígenas, foi, é e tem sido mais um caminho para manter negros e negras no lugar de subalternidade.

Por isso, parte-se do princípio de que é importante garantir o acesso ao conhecimento e reflexão sobre relações étnico-raciais para todas as pessoas, é uma questão da sociedade brasileira. Para isso é necessário mudanças na educação familiar e naquela que se realiza nas instituições educacionais. A educação antirracista não acontece de maneira aleatória, espontânea. Ela precisa ser planejada.

São nas unidades educacionais, Centro Municipais de Educação de Infantil, escolas e nos espaços da família que ocorrem os principais momentos de socialização das crianças. Neles a criança se encontra com o outro e em meio a diversidade constrói sua identidade. Daí a importância de abordar a cultura afro-brasileira e africana como preconizam as leis para construir relações étnico-raciais respeitadas, não somente coibindo falas e ações preconceituosas, e sim assumindo um projeto político com a premissa da valorização da identidade negra africana e afro-brasileira. Sendo essa uma demanda urgente.

Oficina online: “Reflexões e práticas para a construção de uma educação antirracista”

Construir a educação antirracista é complexo, porque para isso faz-se necessário um esforço intencional de unidades educacionais e famílias no sentido de propiciar reflexões sobre diferentes aspectos da vida. Porém, é importante começar em algum momento e nesse sentido as oficinas pedagógicas realizadas pelo ErêYá quer ser este primeiro passo e nossa experiência tem mostrado que elas são estratégias muito vigorosas para a formação continuada dos/as profissionais da educação e familiares. Por isso, propusemos a oficina “Reflexões e práticas para a construção de uma educação antirracista” na Semana de Convivência para profissionais da educação, comunidade escolar e famílias, ainda que em formato online. Foi uma desafiadora e enriquecedora experiência, em razão de que a proposta de uma oficina passa por constituir um espaço dialógico e de interação do aprender fazendo. E como dar conta destes princípios de modo virtual? A seguir apresentamos o passo a passo da atividade na esperança que ela anime profissionais e familiares a realizarem esta experiência dando início a prática da educação antirracista.

Dividimo-la em três momentos a saber: Sensibilização/ acolhimento; Discussão conceitual e vivências. No 1º momento Lemos o Poema de Conceição Evaristo: Vozes mulheres. Neste caso, ele foi um átimo para deleite literário, no entanto, é possível realizar outras atividades depois, como solicitar ou fazer: a) Pesquisa sobre a vida e obras da escritora Conceição Evaristo; b) Pesquisa sobre outras escritoras e poetisas negras; c) Organizar um Sarau de poesia (entre alunos ou mesmo com os membros da família. É muito prazeroso), e claro cada família ou professor/a poderá criar outras iniciativas.

O 2º momento foi para discutir alguns conceitos: racismo, educação antirracista, discriminação racial ou étnico-racial, desigualdade racial, desigualdade de gênero e raça, população negra, políticas públicas e ações afirmativas, descritos neste artigo. Para prosseguirem neste aprender antirracista seja nas unidades educacionais ou em famílias sugerimos: a) Criar uma roda de conversa sobre os conceitos. Como explica cada um deles? Cite pelo menos um exemplo que conheça? Pode-se fazer um jogo em que ganha pontos quem acertar os significados. É importante ficar atentos/as para coibir o racismo que se expressa por meio de piadas racistas, especialmente se no grupo tiver pessoas negras. Na educação antirracista a tolerância para qualquer manifestação de racismo é zero.

Esse é o momento em que os conhecimentos teóricos aparecem, eles irão embasar as atividades práticas e ajudar na reflexão acerca da temática e na percepção de como o racismo está presente em atitudes ditas “inocentes” por algumas pessoas. Ajudará a compreender a necessidade de construir uma visão positiva em relação à população negra ao invés de se reafirmar imagens do período da escravidão que só colaboram ainda mais para a disseminação de uma imagem marginalizada dos negros.

O terceiro momento é convite a brincar - esse é o momento de vivenciar, experimentar: dançar, costurar, brincar, confeccionar instrumentos, cantar, jogar, tocar de acordo com a proposta. O fio condutor é a promoção e o reconhecimento da cultura africana e afro-brasileira em acordo com a legislação antirracista LDB Art.26-A e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Nesta oficina, em questão optou-se por apresentar ao público a história “A lenda dos tambores africanos”. Para isso foi produzido um vídeo caseiro com imagens captadas na internet que estavam disponíveis para colorir. Demonstrando que com recursos acessíveis é possível

enriquecer as práticas pedagógicas. Se tiver tempo pode-se propor que os(as) participantes pintem as imagens. Colorir figuras tem sido usado como uma forma de terapia, em família ou na escola, propor este momento pode ser divertido. Entretanto, um cuidado indispensável que devemos ter é com o tipo de imagem a ser usada. Ela não pode reforçar o racismo, por isso, é importante atentar-se para identificar se a figura escolhida apresenta pessoas negras e a cultura negra de modo positivo, bonito, não estereotipado. É fundamental que se traga imagens de *sites* que possuem orientação antirracista, senão corre-se o risco de reforçar o racismo com imagens estereotipadas. Para identificar esta perspectiva basta se perguntar: é uma imagem positiva? Apresenta negros e negras de modo ativo? Na oficina depois de ouvirem a lenda, os/as participantes foram convidados/as a tocar seus tambores improvisados com baldes, canecos e/ou qualquer objeto que podiam bater e produzir som semelhante a tambores e lhe foi ensinada uma música.

As oficinas depois de brincar conversaram sobre a intencionalidade educativa necessária para a realização de uma educação antirracista, isto é, para romper com a narrativa da subalternidade, escravização e valorizar histórias dos povos negros e indígenas é necessário querer e em seguida buscar as informações para realizar ações comprometidas com esta perspectiva. Não se pode mais sustentar a desculpa dizendo que sabem que obrigatório, querem fazer, mas não sabem como. Há muitos modos.

Para Pereira e Dias (2019, p.26) “A busca por uma educação antirracista passa pela (re) educação das relações étnico-raciais que neste trabalho é pensada a partir da ampliação do conhecimento sobre a África e a sua cultura [...]. As histórias e sugestões apresentadas neste texto é um disparador para muitas visitas ao continente africano e a cultura afro-brasileira, com histórias, brincadeiras, lugares e pessoas valiosos para conhecermos e admiramos. A descrição das oficinas foi uma forma de apresentar uma possibilidades de dar início ao estradar sem fim que é a constituição de uma educação antirracista.

Considerações finais

Os participantes foram solicitados a responder um questionário avaliativo sobre a oficina. De acordo com as respostas fica evidente a necessidade de abordar essa temática, pois uma parte das pessoas sinalizaram que a oficina ampliou seus conhecimentos, entretanto outra

parte menciona ser a primeira vez que participa de um estudo com essa envergadura. A/os profissionais da educação temos a certeza de que demonstramos que é possível romper com a narrativa de subalternidade, escravização, trazendo histórias de resistência e alegria de povos negros e indígenas. Mais do que viável é necessário que a abordagem da temática racial seja de forma a valorizar a população negra e sua contribuição na construção do Brasil, com sua cultura e conhecimentos trazidos de África.

Outro fator relevante, captura pela participação no chat ou em respostas ao questionário é que pessoas dão depoimentos, as vezes de dores causadas pelo racismo, mas também de estratégias de resistência e existência. Essas vozes que se erguem são de mulheres, em sua maioria, talvez por serem as mais afetadas em uma sociedade racistas, classista e sexista.

Para a superação do imaginário, referente aos negros e negras, se faz necessário reconhecer a existência do racismo, e de suas reinvenções, o que implica em dialogar com várias áreas do conhecimento para uma melhor compreensão a respeito das consequências oriundas do racismo e da discriminação racial.

As oficinas pedagógicas ofertadas pelo ErêYá, seguem nessa perspectiva de ensinar a reconhecer e a lidar com essas “novas” versões de racismo. Com o intuito de erradicá-lo racismo do espaço escolar e fora dele, apresentando pedagogias antirracistas, como possibilidade de (re) educação das relações étnico- raciais em prol de uma sociedade equânime onde crianças negras sintam orgulho de seu pertencimento racial, de suas origens e crianças brancas aprendam que os negros é parte fundante da constituição da história do Brasil, não apenas como mão de obra, mas como intelectualidade que pensa e constrói o país.

Referências bibliográficas

ARENA, Dagoberto Buim, LOPES, Naiane Rufino. PNBE 2010: personagens negros como protagonistas. **Educ. Real. [online]**. 2013, vol.38, n.4 [cited 2021-04-21], pp.1147-1173. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362013000400008&lng=en&nrm=iso>. ISSN 2175-6236. <https://doi.org/10.1590/S2175-62362013000400008>.

ASSIS. Liliana Cotinho de. **Referentes político-normativos de cumprimento dos artigos 26- a e 79-b da Lei de Diretrizes e Bases: uma pauta para a igualdade racial nas escolas**. 2018. 156 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.



BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das relações étnico-raciais**. Parecer CNE/CP 003/2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf Acesso em: 16 de Ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 12.288. **Estatuto da Igualdade Racial**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm Acesso em: 16 Ago. 2020.

CARDOSO, Cintia. **Branquitude na educação infantil: um estudo sobre a educação das relações étnico-raciais em uma unidade educativa do município de Florianópolis**. 2018. 190 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

CARMO, Ildete Batista do. Com quem eu me pareço? A construção da identidade étnico-racial na educação infantil. **XV EDUCERE. 2015, PUCPress** - Editora Universitária Champagnat. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20085_10096.pdf. Acesso em 20 Abr. 2021.

CARNEIRO, Aparecida Sueli.. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DIAS, Lucimar Rosa. **No fio do horizonte: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DIAS, Lucimar Rosa, BATISTA, Clarice Martins de Souza (orgs). **Reflexões e experiências na construção de uma educação antirracista no contexto do grupo de estudos e pesquisas ErêYá**. Curitiba -PR: Brazil Publishing, 2019

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03**. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira** [S.l: s.n.], [2004?]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 16 Ago.2020.

PEREIRA, Sara da Silva. **A Literatura Infantil de Temática da Cultura Africana e Afro - Brasileira, com a palavra as crianças: “Eu So Peta, tenho cacho, so linda, ó!”**. 2019. 208 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.



PEREIRA, Sara da Silva, DIAS, Lucimar Rosa. **A (re) educação das relações étnico-raciais: algumas considerações.** In: DIAS, Lucimar Rosa, BATISTA, Clarice Martins de Souza (orgs). Reflexões e experiências na construção de uma educação antirracista no contexto do grupo de estudos e pesquisas ErêYá. Curitiba -PR: Brazil Publishing, 2019.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinariedade: o currículo integrado.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.